

Queria ter meu avô de volta. Voltar no tempo, não obstante, revivê-lo, é a mesma coisa do que prestar contas de sonhos. Uma tolice. Eu creio somente no tempo suicidado. Um céu meio que *The Summer of 42*. Eu, Louis Van Dyke & Trio servindo de pingente pruma foto triste, em cima de uma nuvem. Uma porra de uma gaita que me faz chorar e atravessa o tempo em travelling sentimental. Os objetos paralisados no ar/em volta. A vibração dos barriletes.

O fingimento com a dor na medida certa. Esse tempo escroto, sonhando e matado no balcão de uma farmácia... em 1942. Um molinete, apetrechos de pesca.

O passado desvanecido em Cinemascope. Uma cerca pra consertar. Uma bela mulher à espera. Ela mesma desaparecida... ao fundo, um garoto triste.

Ou seja. As coisas que amei nunca existiram. Os pequenos entraves, os desvãos e esquecimentos, as palavras em si com qualquer significado besta, me são mais úteis. O que sempre tive comigo foi uma certa sensibilidade visionária, megalomaníaca, maledicente e colorida dos acontecimentos que, no entanto, diante da minha pequenez e do brutal descrédito que me impus, não me serviram e não me servem objetivamente pra porra nenhuma, ao contrário.

*O azul do filho morto*, Marcelo Mirisola